

VIVEMOS EM UM MUNDO INTEGRADO? UMA EXPERIÊNCIA COM HISTÓRIA GLOBAL E EDUCAÇÃO HISTÓRICA¹

Bárbara Araújo Machado²

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados parciais do projeto de pesquisa e ensino em desenvolvimento intitulado “História Global e Educação Histórica: novas possibilidades metodológicas para o ensino de história”, desenvolvido no Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) desde meados de 2022. Buscou-se promover um diálogo entre o campo da Educação Histórica, preocupado com a forma como os estudantes aprendem e atribuem sentido ao tempo e à história, e a abordagem da História Global, que busca superar o nacionalismo metodológico característico das abordagens tradicionais da História ao privilegiar as ideias de “conexão” e “integração global”. Através da metodologia da pesquisa, construímos um planejamento pedagógico anual baseado nesse encontro, colocando-o em prática com turmas do 8º ano do ensino fundamental. Além do debate teórico-metodológico envolvendo a educação histórica e a história global, recorreremos à produção historiográfica recente ligada não apenas à abordagem da história global, mas também à perspectiva decolonial, que contribuiu grandemente para o desenvolvimento de uma abordagem pedagógica que superasse perspectivas difusionistas a partir do Norte Global. Através do acompanhamento das narrativas produzidas pelos estudantes em sala de aula e em suas produções, procuramos observar de que forma sua aprendizagem histórica expressava elementos promovidos pela abordagem da história global, tais como: uma superação do eurocentrismo e do referencial nacionalista para a história e uma concepção da integração global (ainda que desigual) de diferentes regiões do mundo no período da modernidade.

Palavras-chave: Educação Histórica; História Global; Ensino de História.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados parciais do projeto de pesquisa e ensino em desenvolvimento intitulado “História Global e Educação Histórica: novas possibilidades metodológicas para o ensino de história”, desenvolvido no Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) desde meados de 2022. O projeto tem como objetivo principal desenvolver novas abordagens metodológicas para o ensino de história através do encontro entre duas áreas do saber: a História Global, campo metodológico da História que propõe maneiras inovadoras de produzir conhecimento historiográfico com o olhar voltado para a integração global, e a Educação Histórica, campo de pesquisa do ensino de história interessado principalmente na aprendizagem histórica dos estudantes e nos sentidos atribuídos por eles aos fenômenos históricos e às diferentes temporalidades. Esse encontro

¹ Este trabalho resulta de projeto de ensino e pesquisa intitulado “História Global e Educação Histórica: novas possibilidades metodológicas para o ensino de história”, com financiamento da UERJ e do CNPq.

² Orientadora do projeto. Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, araujombarbara@gmail.com.

guarda em si a potencialidade de basear novos procedimentos didáticos no ensino de história que superem algumas marcas tradicionais do ensino de história no Brasil, como um nacionalismo metodológico, isto é, a centralidade do Estado Nacional como orientador do estudo como premissa auto-evidente, combinada a uma perspectiva eurocêntrica. Esse tipo de tradição se expressa, por exemplo, em abordagens que separam a história escolar em história do Brasil e história geral, esta segunda marcada principalmente pelos acontecimentos desenvolvidos sob uma perspectiva do Norte Global.

A presente pesquisa se desenvolveu a partir da metodologia da pesquisação (ANDRÉ, 2012), um tipo de pesquisa que visa uma intervenção na realidade estudada: as turmas de 8º ano do ensino fundamental cuja professora regente é também a orientadora deste projeto. Assim, além de uma prática de pesquisação, o projeto consiste em uma experiência de professora-pesquisadora (FAGUNDES, 2016), no sentido de que a construção do currículo e dos procedimentos pedagógicos são ao mesmo tempo hipóteses e resultados de pesquisas, em um movimento contínuo de observação crítica e construção de conhecimento.

O primeiro resultado material da pesquisa foi a formulação do planejamento anual para o 8º ano baseado no encontro entre História Global e Educação Histórica, a partir das leituras e discussões realizadas no âmbito do projeto. Além disso, alguns procedimentos didáticos e abordagens de conteúdos específicos foram desenvolvidos no sentido de atingir os objetivos propostos no planejamento elaborado. O atual momento em que a pesquisa se encontra trata-se da coleta e análise de dados a partir das produções realizadas por estudantes, com o objetivo de analisar em que medida a abordagem proposta no novo planejamento impactou na sua aprendizagem histórica.

METODOLOGIA

Esse projeto pode ser caracterizado metodologicamente no âmbito da “pesquisação” que, conforme Marli André, “envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo” (ANDRÉ, 2012). Esse tipo de pesquisa, comum no campo da educação, envolve portanto um elemento de intervenção controlada na realidade pesquisada Pesquisação (ANDRÉ, 2012). Para tanto, o projeto contou com duas bolsas para licenciandos em História, uma de iniciação científica e uma de iniciação à docência. Atualmente, o projeto também conta com um estudante IC voluntário. Além de participar de todas as etapas da

pesquisa, os estudantes tiveram papel fundamental no desenvolvimento de um caderno de campo com observação de aulas chave para o tema da pesquisa.

A pesquisa teve início com a leitura e discussão de bibliografia sobre história global, educação histórica e sobre historiografia baseada em história global (principalmente em torno da modernidade e da Revolução Haitiana, tema que inspirou a pesquisa). Com base nas discussões realizadas nessa etapa, foi construído um planejamento anual para o 8º ano do ensino fundamental, a partir de pressupostos básicos levantados no diálogo entre História Global e Educação Histórica. Houve um foco particular no conteúdo programático da Era das Revoluções, identificado como um contexto particularmente interessante para trabalhar ideias como integração global, conexões e fluxos de pessoas e ideias, conjuntura e contexto, etc. Há ainda uma produção historiográfica importante das últimas décadas que reexamina o Iluminismo e a Revolução Haitiana a partir de pressupostos da história global, em particular os trabalhos de Laurent Dubois (2004) e Sebastian Conrad (2012), que tiveram papel central no planejamento das aulas sob uma nova perspectiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há diferentes definições do que é História Global. Em linhas gerais, seus afiliados compartilham dois pressupostos: 1) “pensar a história para além das fronteiras nacionais”, evitando um “nacionalismo metodológico” e 2) evitar perspectivas ocidentistas ou eurocêntricas através da prática de “conhecer e traçar relações com outras regiões do mundo” (SANTOS JUNIOR; SOCHACZEWSKI, 2017, p. 483; 491). Nesta pesquisa, nos baseamos na definição de História Global proposta por Sebastian Conrad em seu manual *O que é História Global*. O autor diferencia sua proposta de história global pela ênfase na integração entre diferentes fenômenos históricos, mais do que simplesmente conexões, já que estas podem ser acidentais e efêmeras. Para Conrad, fazer História Global significa “uma abertura para prosseguir conexões e questões de causalidade além dos compartimentos e das unidades espaciais convencionais” (CONRAD, 2012, p. 92).

Conrad (2019) elenca algumas características da História Global, dentre as quais destaque:

- 1) O interesse em situar assuntos e fenômenos históricos concretos no interior de um contexto mais amplo e, potencialmente, global;

2) A experimentação com noções alternativas de espaço, ao não adotar como ponto de partida unidades políticas ou culturais como Estados-nação, impérios ou civilizações, mas colocar questões analíticas e percorrer os caminhos que essas questões apontam;

3) A ênfase na sincronia em lugar da diacronia;

4) Uma autorreflexão sobre o eurocentrismo;

5) Um foco na integração global, buscando ir além da conectividade e perseguir a causalidade até o nível global.

É importante destacar que ir até o “nível global” não significa perseguir uma dimensão mundial ou planetária. Conrad esclarece que “para cada questão em análise, deve decidir-se de forma isolada qual a real extensão das estruturas e dos processos de larga escala envolvidos” (CONRAD, 2019, p. 92). Essa extensão tem relação direta com as questões norteadoras da pesquisa.

O outro lado da fronteira epistemológica (MONTEIRO; PENNA, 2011) na qual o projeto de pesquisa se insere é Educação Histórica. Geysa Germinari (2011) diferencia as pesquisas em Educação Histórica de outras linhas teórico-metodológicas sobre aprendizagem e cognição baseadas na Psicologia da Educação e na Didática, destacando sua relação com a epistemologia da História. O campo da Educação Histórica desenvolveu-se a partir da compreensão de que a aprendizagem histórica tem particularidades com relação à aprendizagem de modo geral, que só podem ser compreendidas em diálogo com a teoria da história.

Assim, a Educação Histórica pode ser definida como uma área no campo do ensino de história que se ocupa de refletir sobre a forma como os estudantes dão diferentes sentidos ao tempo e aos fenômenos históricos, tendo base não apenas naquilo que aprendem na escola, mas em todos os diferentes elementos que conformam sua consciência histórica. Esse conceito é central para o campo da Educação Histórica, em particular no sentido concebido por Jörn Rüsen (2001). Para esse autor, consciência histórica não significa uma autoconsciência crítica do papel do sujeito na história, como algumas concepções defendem. É, ao contrário, a forma como os seres humanos se orientam de forma prática no tempo, sendo portanto uma característica humana universal, informada pelos mais diversos espaços sociais, incluindo a família, a religião, a mídia e, inclusive mas não somente, a história escolar.

Alguns autores, como Peter Lee (2001), desenvolveram metodologias de pesquisa para analisar a forma como essa consciência histórica se expressa, particularmente no caso da aprendizagem da história no âmbito escolar. Algumas reflexões seminais nesse sentido surgiram no Projeto CHATA (Concepts of History and Teaching Approaches”, realizado no Reino Unido com objetivo de investigar as ideias das crianças sobre narrativas em História

(LEE, 2001). Destacamos as noções de “conceitos substantivos” e “conceitos de segunda ordem”. Segundo Peter Lee,

“conceitos substantivos são os que se referem a conteúdos da História, como por exemplo o conceito de indústria. Conceitos de segunda ordem são os que se referem à natureza da História, como por exemplo explicação, interpretação, compreensão” (LEE, 2001, p. 9).

Geysa Germinari divide os enfoques das pesquisas em Educação Histórica em três núcleos: “a) análises sobre ideias de segunda ordem; b) análises relativas às ideias substantivas; c) reflexões sobre o uso do saber histórico” (GERMINARI, 2011, p. 56). As primeiras buscariam compreender “questões relacionadas ao raciocínio e à lógica histórica”, as segundas “concentram-se em reflexões sobre os conceitos históricos” e as últimas “analisam questões relativas ao significado e uso da História na vida cotidiana” (GERMINARI, 2011, p. 56). Para esta pesquisa, os três núcleos são importantes, visto que há interesse em considerar: a) as novas perspectivas de história elaboradas pelos estudantes em contato com pressupostos da História Global; b) a elaboração de conceitos históricos, que é central para a fase de escolarização do ensino fundamental II, em particular para a equipe de História do CAP-UERJ, campo em que se realiza a pesquisa; 3) as formas como essas novas elaborações e perspectivas podem impactar na orientação dos estudantes em suas vidas práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das leituras e discussões realizadas com base na bibliografia sobre História Global e Educação Histórica, chegamos a alguns pressupostos básicos que seriam levados em conta na formulação do planejamento anual do 8º ano do ensino fundamental. Esses pressupostos foram organizados como objetivos do planejamento, conforme a seguir:

- Partir de questões centrais de pesquisa para construção do conhecimento em sala de aula;
- Relacionar as questões de pesquisa com situações do presente;
- Situar fenômenos históricos concretos dentro de um contexto global constitutivo da realidade social;
- Caracterizar processos globais da modernidade (colonialismo, escravismo e descolonização) e algumas de suas manifestações locais de maneira relacional;

- Questionar noções universalistas a partir dos conceitos de colonialidade do saber e de gênero, identificando experiências históricas originárias e não-europeias com as noções dominantes de gênero e trabalho;
- Construir um vocabulário conceitual básico ligado às questões trabalhadas ao longo do ano;
- Promover uma visão crítica às fontes históricas e relacioná-la explicitamente com a obtenção de informações sobre a atualidade.

O primeiro objetivo dialoga com a proposta da História Global de fazer o recorte geográfico de uma pesquisa como resposta metodológica à questão que a pesquisa procura responder. Desloca-se, assim, o recorte geográfico como auto-evidente e coloca-se no centro um caminho de investigação. Assim, dialogando com o currículo prescrito do 8º ano, que compreende temporalmente o período da Modernidade, da crise do século XIV até a Era das Revoluções, formulou-se as seguintes questões norteadoras, colocadas para reflexão dos estudantes no início do ano letivo: Vivemos em um mundo integrado? Se sim, como ele se tornou integrado?

Embora a maioria dos estudantes tenha respondido positivamente à integração do mundo atual, ressaltando as conexões em termos de comunicação, política e economia em escala global, alguns estudantes apontaram que ser “integrado” significaria uma integração harmoniosa e cooperativa, o que evidentemente não é o caso do mundo em que vivemos. A partir disso, desenvolvemos a noção de uma integração desigual e violenta, que teria se constituído a partir e ao longo do período da Modernidade, destacando-se os processos de colonização e de escravização.

Esse debate nos levou ao recorte geográfico da pesquisa: o mundo Atlântico, observando os fluxos entre Europa, África e as Américas. Levando em consideração os objetivos do ensino de história, não abandonamos de todo uma perspectiva de História do Brasil, mas buscamos articulá-la a uma perspectiva global – ou, mais especificamente, atlântica, com o auxílio de Luís Felipe de Alencastro (2000). Com base nos pressupostos de *O Trato dos Viventes*, construímos uma perspectiva integrada entre África e Brasil, reforçando, como propõe o autor, que “o Brasil se formou fora do Brasil” (ALENCASTRO, 2000, p. 9).

É importante ressaltar o diálogo com uma bibliografia ligada à perspectiva decolonial na construção do planejamento. Conrad (2019) faz ressalvas às análises pós-coloniais, algumas das quais podem se aplicar também ao giro decolonial. Primeiro, uma perspectiva difusionista da Modernidade, ainda que em sentido negativo, isto é: considerar que a Modernidade é algo que se constitui na Europa e é difundida pelo resto do mundo, de modo violento. Conrad (2019,

p. 96) defende pensar a Modernidade como um “fenômeno global”, sendo mais importante atentar para as interações e condições globais que criaram o mundo moderno do que indagar suas origens. Além disso, Conrad adverte para o perigo de idealização de sociedades pré-coloniais como reinos míticos, numa perspectiva tradicionalista perigosamente essencialista. Com essas ressalvas em mente, trouxemos para o diálogo autores como Aníbal Quijano (2019) e María Lugones (2008), através dos conceitos de colonialidade do poder, do saber e de gênero, para construir uma concepção de Colonização que tivesse relação clara com a configuração das desigualdades sociais do presente.

Outra perspectiva fundamental foi o conceito de “Atlântico Negro”, de Paul Gilroy (2012), através do qual foi possível aprofundar as reflexões sobre os impactos da escravização, fazendo uma ponte com o presente e construindo uma concepção espacial alternativa com relação ao espaço do Oceano Atlântico. Gilroy propõe que a experiência da escravização gerou uma espécie de dupla consciência nos povos da diáspora negra, que criaram formas de expressão cultural que carregam ao mesmo tempo uma memória de sofrimento e um aspecto de criatividade e resistência. Trabalhamos com os estudantes o conceito de Atlântico Negro, propondo que eles pudessem observar essa dupla consciência nos povos da diáspora negra articulando presente, passado e perspectivas de futuro. Atualmente, os estudantes estão produzindo trabalhos a partir dessas discussões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se encontra ainda em desenvolvimento, nos momentos finais do ano letivo e da execução do planejamento. Os próximos passos consistem na finalização da experiência pedagógica com os estudantes e em um momento de análise de suas produções, para compreender de que forma o encontro metodológico entre História Global e Educação Histórica influenciaram ou não sua aprendizagem histórica.

Destacamos, por fim, a importância de pesquisas com a metodologia da pesquisa para a concretização da prática de professora-pesquisadora, em particular para a construção de um planejamento anual. A oportunidade de refletir sistematicamente sobre o trabalho proposto a partir de metodologia científica possibilita um desenvolvimento crítico contínuo do fazer pedagógico, sendo ainda uma experiência formativa muito interessante para os licenciandos envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, L. F. de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 2012. 2012.

CONRAD, S. Enlightenment in Global History: A Historiographical Critique. *American Historical Review*, v. 117, n. 4, p. 999–1027, 2012.

CONRAD, S. *O que é a História Global?* Lisboa: Edições 70, 2019.

DUBOIS, L. *Avengers of the new world: the story of the Haitian Revolution*. London; Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

FAGUNDES, T. B. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 65, p. 281–298, 2016.

GERMINARI, G. Educação Histórica: a constituição de um campo de pesquisa. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 42, p. 54–70, 2011.

GILROY, P. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2012.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. Em: BARCA, Isabel (org.). *Perspectivas em educação histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2001.

LUGONES, M. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 8, 2008.

MONTEIRO, A. M.; PENNA, F. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educação e Realidade*, v. 36, n. 1, p. 191–211, 2011.

QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Signo, 2019.